
George Steiner, A ideia de Europa, Lisboa, Gradiva, 2005, 55 pp.

Isabel Baltazar



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2311>

DOI: 10.4000/cultura.2311

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2006

Paginação: 389-390

ISBN: 0870-4546

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Isabel Baltazar, « George Steiner, A ideia de Europa, Lisboa, Gradiva, 2005, 55 pp. », *Cultura* [Online], Vol. 22 | 2006, posto online no dia 11 março 2016, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2311> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2311>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

George Steiner, A ideia de Europa, Lisboa, Gradiva, 2005, 55 pp.

Isabel Baltazar

REFERÊNCIA

George Steiner, A ideia de Europa, Lisboa, Gradiva, 2005, 55 pp.

Vale a pena referir a edição desta obra, mesmo que editada já no ano anterior, agora que voltou a ser divulgada, muito recentemente, a propósito da comemoração do dia da Europa, numa iniciativa designada por *Café da Europa*. A presidência austríaca da União Europeia decidindo assinalar o dia 9 de Maio do presente ano nos Cafés recupera, assim, uma ideia original de George Steiner, quando considera que a identidade europeia se revela pelos Cafés: " A Europa é feita de cafetarias, de *cafés*. Estes vão da cafetaria preferida de Pessoa, em Lisboa, aos *cafés* de Odessa, frequentados pelos *gangsters* de Isaac Babel. Vão dos Cafés de Copenhaga, onde Kierkegaard passava nos seus passeios concentrados, aos balcões de Palermo. Não há *cafés* antigos ou definidores em Moscovo, que é já um subúrbio da Ásia. Poucos em Inglaterra, após um breve período em que estiveram na moda, no século XVIII. nenhuns na América do Norte, para lá do posto avançado galicano de Nova Orleães. Desenhe-se o mapa das cafetarias e obter-se-á um dos marcadores essenciais da *ideia de Europa*" (p.26). Martinho da Arcada foi o escolhido como representante português; os outros, um de cada estado-membro, além da Bulgária e Roménia (em processo de adesão), associaram-se a esta ideia. Todos para comemorarem o dia da Europa a partir da cultura gastronómica, à procura de serem "seduzido(s) pela Europa", tema de debate comum.

Como definir a Ideia de Europa? Qual o sentido de falar em Identidade Europeia? O autor da obra sugerida encontra respostas muito concretas para uma realidade que embora continue a parecer um objecto político não identificado, usando a célebre expressão do Jaques Delors, tem uma "alma" que lhe dá um certo ar de eternidade. A expressão física escolhida são os Cafés, lugar de alimento desta ideia e primeiro critério

escolhido por Steiner para definir a Ideia de Europa: "O *café* é um local de entrevistas e conspirações, de debates e mexericos... Aberto a todos, é todavia um clube, uma franc-maçonnaria de reconhecimento político ou artístico-literário e presença programática... Na Milão de Stendhal, na Veneza de Casanova, na Paris de Baudelaire, o café albergava o que existia de oposição política, de liberalismo clandestino" (p.26).

A Europa tem características particulares: "a Europa foi e é percorrida a pé" (p. 27), única forma de reconhecer as belezas da Europa, que perduram no tempo – um tempo humanizado – e fazem a sua História. Na Europa tudo tem significado: "As ruas e praças nomeadas segundo estadistas, cientistas, artistas e escritores do passado" (p.44). No entanto, foi a síntese de duas culturas, Atenas e Jerusalém, que determinou a cultura europeia: "Muito frequentemente, o humanismo europeu, de Erasmo a Hegel, procura diversas de compromisso entre ideais áticos e hebraicos... Assim, a ideia de Europa é, na verdade, um conto de duas cidades" (p.42). Finalmente, "uma consciência própria escatológica que, segundo creio, pode ser exclusiva da consciência europeia. Muito antes do reconhecimento de Valéry da mortalidade das civilizações, ou do diagnóstico apocalíptico de Spengler, o pensamento e a sensibilidade europeias tinham enfrentado uma finalidade mais ou menos trágica" (p.42). O modo de ser europeu é marcado pelo pânico do fim do mundo: "É como se a Europa, diversamente de outras civilizações, tivesse intuído que um dia ruiria sob o peso paradoxal dos seus feitos e da riqueza e complexidade sem par da sua História" (p.43). Mas a Europa tem sobrevivido a todas as dificuldades. E a seguir? É preciso encontrar o caminho.

O desencanto actual perante a Europa contrasta com um certo optimismo futuro, fundamentado num humanismo secular que garante a imortalidade da Ideia de Europa. Europa que só poderá erguer-se pelo método dos pequenos passos, que parecem no presente andar para trás, como reconhece Durão Barroso que assina o prefácio: "Reabilitação, relançamento, reconstrução... O actual momento europeu, marcado pelo cepticismo e pela descrença, suscita ansiedades e reflexões quanto ao *projecto* ou *grande ideia* que poderá orientar uma (por alguns) desejada regeneração da Europa. É aliás interessante notar que esta conferência de Steiner apontava já os sinais de desencanto que, mais recentemente, os resultados negativos dos referendos sobre a Constituição europeia, em França e na Holanda, vieram expressivamente confirmar. E neste contexto surge o debate sobre o lugar da cultura no *projecto* europeu" (p.6).

Uma obra de leitura obrigatória para quem deseja (re)pensar a Europa. A Europa do passado, a Europa do presente e a Europa do futuro. Encontrar um futuro para a Europa passa por encontrar as razões da sua identidade ou, pelo menos, os alicerces onde se fundamenta a história comum do povo europeu. Uma história feita de encontros e de desencontros, em sintonia com o seu indefinido espaço geográfico. Mas apesar de todas as ambiguidades, existe um património cultural comum que subsiste ao artificialismo arquitectado por tratados. Para além da diversidade cultural ou do aparente mosaico e labirinto de culturas, há uma história e cultura comuns, cujo substracto é muito mais do que uma mera justaposição das histórias e culturas nacionais que alguns pretendem ver. Há uma "unidade na diversidade", lema adoptado na actualidade. A herança comum europeia é a riqueza da Europa e a possibilidade do seu futuro. O legado greco-romano, as invasões bárbaras e a conversão cristã da Europa são os fundamentos históricos da sua identidade.

Uma identidade que no presente continua a ser alimentada pela cultura e pela memória. Uma identidade que se reconhece nos espaços de sociabilidade, muito

particularmente nos Cafés, lugar de encontro por excelência dos intelectuais, os principais vultos de cultura. George Steiner consegue ser provocatório quando afirma: "Enquanto existirem cafetarias, a ideia de Europa terá conteúdo" (p.28), parecendo sugerir que o futuro para a Europa está na sua cultura, como já reconheceu Jean Monnet. Afinal não será a Ideia de Europa o motor da construção europeia? Assim se compreendem os aparentes falhanços da União Europeia que se encontra num labirinto porque esqueceu o verdadeiro caminho, escolhendo caminhos que não levam a parte nenhuma, parafraseando Heidegger. Está numa densa floresta onde não avista saída. É tão fácil a solução, e tão complicados os caminhos constitucionais percorridos, que procuram erguer o edifício europeu e abrigar as políticas diplomaticamente aprovadas.

George Steiner, de uma forma muito subtil, mostra que há uma Ideia de Europa e uma Ideia para a Europa. A Europa do Espírito. Os que a transmitem e lhe dão vida são os tradicionais frequentadores de Cafés. Nas entrelinhas pode concluir-se que serão os intelectuais os únicos capazes de alimentar a Ideia de Europa. Um sério aviso dado no âmbito de uma palestra proferida no Nexus Institut de Amesterdão, durante a presidência holandesa da União Europeia, em 2004, e, agora, (re)lembrado pelos austríacos, dando vida à ideia de que a Europa vive e sobrevive nos Cafés. Rob Riemen, director fundador do Nexus Institute, na introdução à palestra, mostra bem a essência da questão no título escolhido: *A Cultura enquanto convite*. A Europa tem futuro? Eis a resposta de Steiner: "Pode ser que estas palavras sejam insensatas, que seja demasiado tarde. Espero que não, só porque estou a dizer estas palavras na Holanda, onde Baruch Espinoza viveu e pensou (p. 55).

AUTORES

ISABEL BALTAZAR

CHC-UNL